

MEMÓRIAS DE FEIRA DE SANTANA: UM ESTUDO DE CASO

Por: Andréa Santos Teixeira Silva, Everaldo de Andrade Góes e Rita de Cássia G. Rodriguesⁱ

Orientação: Prof. Dr. Gilmário Moreira Brito.

Introdução:

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre memórias de pessoas idosas sobre Feira de Santanaⁱⁱ, Bahia. Desta forma, utilizou-se o depoimento de uma senhora, D. Maria da Conceição Soares, que participa do grupo Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Universidade Estadual de Feira de Santana. Apesar de se tratar de um estudo de caso, esta pesquisa é de grande importância para se compreender as mudanças ocorridas na cidade, desde 1950 até os anos de 1990. Nesta perspectiva, torna-se importante salientar que existe uma carência em relação à historiografia feirense, especialmente, no que se refere à memória da cidade, sob a ótica dos sujeitos históricos.

Para auxiliar a elaboração deste trabalho, selecionou-se algumas bibliografias que foram relacionadas com o depoimento de D. Conceição. A entrevista foi realizada em novembro de 2002, adotando-se uma questão ampla para que a depoente se sentisse à vontade em relatar suas lembranças sobre a cidade. Depois, selecionou-se os aspectos mais significativos da memória desta senhora. Aqui é importante ressaltar que, a intenção deste estudo, ao recolher o depoimento, foi a de entender a partir de que referências a entrevistada relembra dos acontecimentos vivenciados nesta cidade; e não buscar informações no intuito de comprovar convicções previamente elaboradas.

Além das informações orais, também foram levados em consideração – de acordo com a noção de Paul Zumthor sobre a performance corporal – o gestual, a expressividade da face, a entonação e os movimentos da depoente no momento da entrevista. Zumthor enfatiza a necessidade de se considerar as expressões corporais:

“A performance de qualquer jeito, modifica o conhecimento. Ela não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando ela o marca”ⁱⁱⁱ.

Desta forma, a análise da performance corporal propiciou um enriquecimento da pesquisa aqui proposta, pois trouxe à tona informações e possibilitou visualizar situações, na maioria das vezes, não perceptíveis.

A Modernização de Feira de Santana, suas Faces e Contradições:

Antes de refletir sobre o conteúdo da fala de D. Conceição, é preciso falar um pouco sobre seu histórico de vida. Esta nasceu em Salvador, sendo filha de uma família de grandes posses. Quando sua mãe falece, D. Conceição aos sete anos de idade vai morar com a tia em Feira de Santana no ano de 1950. Mais tarde, sem a aprovação de seus familiares, ela se casa com um mascate, e passa a ser discriminada pelos seus parentes. A entrevistada, vai para S. Paulo com o marido e os filhos já crescidos, onde passa nove anos, trabalhando em uma fábrica de velas. Depois de voltar do Sudeste do país, faz peças de artesanato e ornamentações de aniversário para complementar o orçamento familiar e, nas horas vagas, participa das atividades da Universidade Aberta à Terceira Idade.

Feitas as considerações necessárias pode-se adentrar no conteúdo do depoimento propriamente dito. Assim, em se tratando das leituras da entrevista e do cruzamento com as observações sobre a expressividade, foi possível perceber o quanto a memória de D. Conceição estava voltada para o presente. Isto se deve, em muito, ao momento marcante do assassinato de seu filho, a cerca de um ano e meio antes da realização deste trabalho. É relatando este episódio, que ela inicia seu depoimento, ao mesmo tempo em que fala da cidade e de suas impressões sobre ela:

“Aqui, isso aqui era muito bom viu, filha! Feira de Santana modificou muito, quer dizer modificou não... ela tem muito que mudar! Dizem que é a cidade considerada a ‘Princesa do Sertão’^{iv}, entroncamento do Norte e Nordeste, mas nós não temos nada aqui praticamente, a mim, no meu ver, nada em Feira. Se você ver nós não temos um hospital. Eu tenho um filho mesmo que faleceu, chegamos no Cleriston. Cleriston é o hospital mais bem equipado do Norte e do Nordeste, não sei pra quê, só pra aplicar soro... (silêncio)

Meu filho não teve... Foi chegando lá, e foram internando. 'Vocês têm dinheiro, não tem'. Então, o menino morreu, porque não teve atendimento... para tirar uma radiografia do cérebro, nem nada. Nós estamos muito atrasados aqui em Feira, eu acho... A meu ver quando eu morei no sul, nove anos, em S, Paulo,... Em termos de atendimento, assim, cultural, e tudo,... Eu acho aqui em Feira, culturalmente,... é muito atrasado. Então, a administração daqui de Feira deixa muito a desejar!... Tá certo, ela modificou muito do meu tempo pra cá. Ela evoluiu um pouco. A cidade de Feira de Santana pra ser considerada a 'Princesa do Sertão', ela tá muito atrasada”.

Neste trecho, o fato mais marcante é o relato de que o filho da depoente não teve atendimento no hospital público de Feira de Santana, o Cleriston Andrade. D. Conceição, observando-se as expressões no momento da entrevista, está totalmente emocionada, com a voz e as mãos trêmulas. Levando-se em consideração o início do depoimento, a cidade é vista como sinônimo de atraso, e mais ainda, Feira aparece como mal-administrada.

Ainda, analisando o exemplo de má administração, o hospital, é tido como ineficiente a partir do momento em que o filho baleado não recebe o atendimento médico. Neste sentido, a visão da depoente sobre a cidade vai se delineando conforme ela se lembra de sua própria história. D. Conceição vai dando indícios da história de Feira de Santana, num constante diálogo entre o passado experimentado na sua juventude e um outro mais recente, o da morte do filho. Aqui se faz necessário ressaltar o quanto o ato de relembrar está ligado aos fatos marcantes da vida de cada indivíduo, operando, portanto, uma constante seleção das experiências cotidianas que são guardadas na memória.

Nesta perspectiva, Ecléia Bosi^v, no texto “Memórias de Velhos”, trabalha com as lembranças de pessoas idosas. Assim diz a autora: “narrar também é sofrer”. Esta afirmação foi facilmente constatada durante a entrevista. A narrativa de D. Maria da Conceição tem, aflorada em suas memórias, sentimentos, sofrimentos que trazem consigo a dor, a revolta e a indignação.

Um último aspecto deste momento da entrevista que deve ser destacado, é quando D. Conceição se refere às mudanças da cidade. Feira de Santana, apesar de “modernizada” ainda é sinônimo de atraso. O hospital Cleriston Andrade “é o mais bem equipado do Norte e do Nordeste... só para aplicar soro”. É importante refletir sobre o signo da modernidade evoca pela entrevistada. Apesar da mudança ocorrida na estrutura física e dos equipamentos modernos do hospital, a cidade ainda não pode ser considerada como “moderna”, pois ela não oferece serviço de boa qualidade para a sociedade feirense.

Observe-se que a palavra “moderna” está associada, na fala de D. Conceição, ao bem estar de todos. Assim, o signo da modernidade – que tanto foi evocado pelas autoridades no período desenvolvimentista brasileiro^{vi}, como também em Feira de Santana, no intuito de legitimar seus projetos – evidencia uma contradição, já que esta e seus benefícios não chegam para todos.

Por fim, o fato de a entrevistada ter morado uma temporada em outra cidade, em muito contribuiu para que ela formulasse sua visão sobre o “atraso”. Foi a partir da experiência vivida na cidade de S. Paulo, isto é, foi utilizando uma comparação entre as duas cidades, que propiciou a D. Conceição, ter uma visão diferente sobre Feira de Santana.

Aqui é necessário enfatizar que na fala da depoente também fica evidenciada, mais uma vez, a contradição do ideal de modernidade, pois este fragmento da entrevista, expressa as diferenças entre as regiões brasileiras. Diferenças essas que segundo Francisco de Oliveira, são fruto de projeto idealizado para promover a “modernização” de apenas uma parte do Brasil.

Neste sentido, esta diferenciação regional é também uma diferenciação política. Contudo, não se trata aqui de discutir o problema da modernidade nordestina, nem feirense, nem de estabelecer comparações entre as condições de vida de S. Paulo e Feira de Santana, mas trata-se de entender, pontuar os motivos e os significados de D. M^a da Conceição ver em Feira uma cidade atrasada.

Em outro momento da entrevista, D. Conceição ainda se refere à questão da modernidade, agora fazendo um recuo maior no seu passado, ela se lembra dos tempos de menina, e das mudanças ocorridas no decorrer dos anos 50:

“É porque as pessoas antigamente viajavam daqui pra Salvador de trem, né? Porque ônibus mesmo, era mais difícil. Agente pegava o trem ali, ia até Salvador. Eu estou com 60 anos... Foi há 53 anos atrás. Naquele tempo eu ainda era menina. Depois que passou a motriz melhorou mais; mas quando era o Maria Fumaça, porque se chamava Maria Fumaça que era à lenha, demorava mais um pouco. Agente passava por Cachoeira, e chegava a Salvador. A motriz era ali no fundo da igreja Matriz... Ave Maria vem a motriz nesta Feira. Aí minha avó viajou: ‘Maria, Mariquinha vou viajar de motriz’. Porque era novidade. Mas, era bem, bem diferente mesmo!” (gesticula).

Outro aspecto significativo na fala de D. Conceição é quando ela se refere à construção de uma importante igreja de Feira de Santana, a Igreja dos Capuchinhos, localizada na entrada do município. A construção foi realizada graças à colaboração das famílias tradicionais deste, as quais doaram seus bens, visando arrecadar fundos para esta empreitada, inclusive foram feitos muitos leilões de gado.

A cidade destacou-se pela grande quantidade de criadores de gado e pelo forte comércio deste gênero alimentício. Desta forma, a criação de gado era uma importante atividade da economia feirense, sendo responsável pelo abastecimento do mercado de Salvador, desde o início do século XIX, conforme explica Aldo Oliveira^{vii}.

“Quando os Capuchinhos chegaram aqui,... ali era o morro do soldado. Minha prima... Carlinda Valadares, foi quem fez aquela igreja dos Capuchinhos. Trazia gado da fazenda pra fazer leilão. Minha prima mesmo dava, muito gado pra fazer leilão. Tinha aquelas barracas... pra arrecadar dinheiro. Cheguei a ver a construção. A data não me lembro. Mais ou menos no final da década de 50. Íamos a pé, ali. Eu e meus irmãos. Da Maria Quitéria em diante, era mato fechado mesmo. A estrada para Salvador sempre foi ali. Era chão,... era cascalho”.

Nestes dois últimos trechos da entrevista, ficam evidenciadas as transformações ocorridas na estrutura da cidade, que aos poucos vai crescendo, se desenvolvendo e mudando a aparência da cidade – onde antes era mato, com o passar do tempo foi se tornando casas, ruas, praças etc. Da mesma forma, a mudança também chegou para o sistema de transporte feirense, o qual era feito quase que exclusivamente pelos animais. Mais tarde, devido principalmente ao processo de construção da rodovia BR 324, no final dos anos 60, a cidade tem um grande impulso em seu crescimento, aumentando a área urbana e deixando de ser uma cidade predominantemente rural.

Tomando-se em como base os aspectos do depoimento levantados até então, percebe-se que Feira de Santana mostra-se, ora como culturalmente “atrasada” e “mal administrada”, ora como aquela em que o progresso e a modernidade começam a modificar a cidade. Contudo, para D. Conceição, este município ainda aparece como aquele em que os moradores são acolhedores. Feira de Santana, apesar dos grandes problemas existentes, ainda é a cidade que confere alegria, onde todos se conhecem.

Mesmo depois ter morado muitos anos distante, em S. Paulo, D. Conceição reencontra muitos amigos. Neste sentido, a cidade feirense em relação aos grandes centros urbanos como S. Paulo e Salvador, é um lugar melhor para se morar:

“É todo mundo se conhecia, como até hoje. Feira de Santana é uma cidade que já evoluiu, mas não é uma cidade que você vai comparar com Salvador; não é a capital. Se você morar num bairro, agente do bairro e o pessoal de outro bairro não lhe conhecem. Aqui não. Você vai pra qualquer lugar, o pessoal conhece. É mais amigável o pessoal do interior, como aqui em Feira mesmo. Eu acho melhor nesse ponto do que certamente na capital, porque o povo é mais acolhedor. Apesar de tudo, o povo daqui de Feira, eu acho o povo assim mais acolhedor. Quanto mais interior, o povo é mais achegado, né? Não é como em S. Paulo, lá eu tive a oportunidade. E aqui em Feira, já é diferente, é um lugar mais calmo. Eu gosto daqui, porque eu acho aqui um pouco tranquilo, o trânsito, principalmente. Porque, se você morar em S. Paulo ou no Rio, em Salvador. Ave-Maria, aqui eu já acho um absurdo esse ônibus. Minha filha, por dinheiro nenhum no mundo, eu saio de Feira para ir morar em Salvador... (coloca a mão no peito) Não troco Feira por cidade nenhuma! Meus irmãos moram todos em Salvador, mas eu gosto é daqui!”(gesticula).

No momento em que falava sobre sua satisfação em reencontrar velhos conhecidos, o semblante de D. Conceição transparecia um contentamento muito grande, ao mesmo tempo em que gesticulava bastante. Pode-se supor

que, neste instante ela parecia ter se esquecido da tristeza vivida pela morte do filho, tristeza esta facilmente percebida no início da entrevista.

Este último fragmento demonstra a existência de uma imagem múltipla da cidade de Feira de Santana, inicialmente composta da visão do “atraso” e da má administração, em outro momento e contraditoriamente, Feira é a cidade que se moderniza; e finalmente, é aquela que oferece o sossego, a hospitalidade e a boa convivência. Estas visões sobre a cidade são elucidativas do processo de crescimento pelo que passam os médios e grandes centros urbanos.

De modo geral, as cidades brasileiras, vem crescendo demasiadamente, sem um nenhum planejamento. O que fica evidente na fala de D. Conceição, pois apesar de parecer desconexa, ou confusa, na verdade, a visão desta senhora sobre sua cidade reflete as contradições do crescimento das cidades modernas, e principalmente das metrópoles.

Note-se que Feira de Santana, é preferida entre Salvador e São Paulo, pois apesar dos problemas, ela ainda é uma cidade boa de se morar, sossegada – como ficou evidente no trecho da entrevista selecionado logo acima. São cada vez maiores os índices de violência e problemas nos grandes centros urbanos, o que na verdade também refletem problemas de má administração, até mesmo em cidades como São Paulo, considerada uma das mais “modernas” do país.

Neste sentido, é necessário destacar que Feira de Santana, configura-se como a segunda maior cidade baiana, em termos populacionais, só perdendo para a capital, o que também lhe confere problemas como o crescimento desordenado, desemprego, e inclusive a violência, como ficou evidenciado no início deste artigo, o exemplo do assassinato do filho de D. Conceição. No entanto, apesar da dor, para esta senhora Feira ainda é uma cidade que lhe dá prazer, é a cidade a qual ela não troca por nenhuma outra.

Considerações Finais:

Por fim, é necessário enfatizar que todas as “faces” assumidas pela cidade no depoimento compõem um todo complexo, que foi construído a partir do cotidiano, das experiências adquiridas no dia-a-dia, como também, das memórias destes momentos marcante da vida de D. Conceição Soares.

A partir deste trabalho, tornaram-se perceptíveis a complexidade e as singularidades da realidade feirense. Assim também, foi possível perceber parte do processo de transformação da estrutura urbana, no início dos anos 50, e do crescimento urbano, aliados ao ideal de modernidade tão evocado pela sociedade: pelas autoridades e imprensa, como forma de discurso e pela população carente, como sinônimo de esperança de melhoria de suas condições de vida. Contudo, é preciso frisar que ainda hoje esta mesma população, como a dos grandes centros urbanos brasileiros, na maioria dos casos ainda, espera por esta modernidade, que trará o bem estar para todos.

Notas:

ⁱ Alunos do Curso de graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana.

ⁱⁱ Feira de Santana é uma importante cidade, localizada em uma região fronteira entre o agreste e o sertão baiano. Esta funciona como entreposto rodoviário e se destaca pela atividade comercial; permitindo uma grande circulação de pessoas de municípios vizinhos que comprem no comércio feirense durante a semana.

ⁱⁱⁱ Paul Zumthor, *Performance, recepção e leitura*, 2000, Pp. 37.

^{iv} Este título de “Princesa do Sertão” ainda hoje é evocado no imaginário da cidade, principalmente pela imprensa e autoridades locais. A imagem de princesa foi sendo construída no século XIX, onde Feira de Santana seria um exemplo de progresso em pleno sertão baiano.

^v Ecléa Bosí, *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, S. Paulo, T. A. Queiroz Editor.

^{vi} Sobre a fase desenvolvimentista, utilizou-se o livro de Francisco de Oliveira, *Os direitos do antivalor*, que também faz uma análise do desenvolvimentismo no Nordeste. Além disso, a tese de doutorado de Rossine Cerqueira da Cruz – A

Inserção de Feira de Santana (BA) nos Processos de Integração Produtiva e de Desconcentração Econômica Nacional – retrata a “modernização” e industrialização do Brasil, em paralelo com as mudanças trazidas pela “modernidade” na cidade feirense.

^{vii} Aldo Oliveira, *Terra de São Natureza, Civilidade e Comércio em Feira de Santana*, Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2000 (Dissertação de Mestrado).

Referências Bibliográficas:

BOSI, Ecléa. *Memórias e Sociedade: Lembranças de Velhos*, S. Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1995.

KHOURY, Yara Aun. *Narrativas Orais na Investigação de História Social*. Revista Projeto História. PUC, S.P., Nº 22, Junho / 2001: EDUC, Pp. 79-103.

OLIVEIRA, Francisco de. “A Metamorfose da Arribação” IN. OLIVEIRA, Francisco de. *Os Direitos do Antivalor: A Economia Política da Hegemonia Imperfeita*. Petrópolis: Vozes, 1998, Pp. 79-120.

SILVA, Aldo José Moraes. *Natureza São, Civilidade e Comércio em Feira de Santana*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2000 – (Dissertação de Mestrado).

ZUMTHOR, Paul. *Performance, Recepção e Leitura*. Tradução; Jerusa Pires Ferreira, Suely Fenerich. S. Paulo: EDUC, 2000.